

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Segurança *dele, Presidente* máxima

Pelo menos duas viagens de Fernando Henrique Cardoso ao Norte e Nordeste foram canceladas esta semana porque o ministro-chefe do Gabinete Militar, general Alberto Cardoso, deu o contra. Achou que não havia tempo nem organização suficientes para que o presidente se arriscasse em manifestações públicas onde tudo pode acontecer.

O general tem um argumento tão inquestionável quanto fulminante: "Se querem reeleger o presidente, a condição primordial é que ele esteja vivo."

Diante disso, resta muito pouco a discutir. Mas, vamos ainda a uma tentativa usando outra vez a argumentação dos políticos que consideram mais de acordo e politicamente correto a segurança impedir a ação de manifestantes do que cercar os movimentos do candidato-presidente.

O general não concorda e cita regra básica de tática de segurança: "Obviamente é mais fácil proteger um ponto que tentar cercar a circunferência do mundo."

Esta campanha eleitoral em que um candidato é, ao mesmo tempo, presidente da República trará também essa inovação: as demandas políticas pesam, são absolutamente levadas em consideração, mas a última palavra quem dá é o esquema de segurança do Palácio do Planalto, comandado pelo general.

Que se abala muito pouco com as queixas dos políticos aliados, cuja prioridade é ver Fernando Henrique misturado ao povo, não podendo – segundo essa concepção – em momento algum ser visto pela população como um ser distante, inatingível. Na visão dele, o principal é garantir a integridade física do presidente que, gostem ou não, não é um candidato como outro qualquer.

Não se pode, no entanto, confundir essa posição concluindo que quem mandará na campanha será o general Alberto Cardoso. Não é isso. Os responsáveis pelas agendas do presidente – José Lucena – e do candidato – Expedito Prata – organizam as demandas políticas de acordo com os interesses da campanha, e o Gabinete Militar faz uma conta de chegar a respeito do que é prudente ou não para Fernando Henrique.

Sempre haverá a disposição de organizar a segurança de modo a que ele possa atender a todos os compromissos considerados politicamente convenientes. Mas sempre se procurará evitar também riscos desnecessários. O general já foi alertado para o fato de que durante a campanha surgem improvisos impossíveis de não serem atendidos.

Ele disse que sabe perfeitamente disso, que estará absolutamente sensível a esse aspecto e que está consciente também de que a partir de um dado momento será muito difícil exigir que tudo corra conforme os manuais de segurança. Mas, por enquanto, prefere – e tem para isso delegação do presidente – trabalhar com índice de segurança máxima.



Ruth na campanha

Ainda não está definida exatamente qual será a função da professora Ruth Cardoso na campanha da reeleição. É certo, porém, que ela terá algum papel. O que representa um avanço em relação à campanha de 1994, quando a mulher do presidente se manteve afastada de toda e qualquer ação política. Não participava, e se porventura se manifestava de alguma forma era sempre de maneira distante, deixando muito claro o quanto lhe era desconfortável a perspectiva do poder.

Hoje, no entanto, algumas coisas mudaram. Primeiro, Ruth Cardoso evidentemente relaxou e não apenas se conformou com o fato de que sendo seu marido presidente da República ela se torna também um foco de atenções, como foi participando cada vez mais.

Além disso, sua atuação nesses três anos, não só à frente do programa Comunidade Solidária mas também nas ocasiões em que agiu e falou a respeito de problemas do país e da sociedade, conquistou grande simpatia popular.

A professora, consideram os que cuidam da campanha, tem uma imagem positivamente ligada ao social, e esse aspecto não poderá ser desperdiçado. Um sinal evidente de que Ruth Cardoso está consideravelmente mais à vontade na política foi sua participação na convenção do PSDB que homologou a candidatura Fernando Henrique.

Na mesa principal, de braços erguidos e mãos dadas com o alto comando tucano cantando o refrão da música da campanha, não guardava nenhuma relação com aquela que, em 1994, passou pela convenção de Contagem (MG) tão discretamente que hoje poucos se lembram de que ela estava lá.